

Fiúza espera superar as resistências

Caminha a passos largos a formalização do bloco parlamentar de apoio ao Governo Federal composto, em princípio, pelo PFL e PRN, partido do presidente Collor, e que pode acabar com a hegemonia do PMDB na Câmara. Os líderes dos dois partidos, Ricardo Fiúza (PFL) e Arnaldo Faria de Sá (PRN), admitem encontrar resistência em algumas bancadas estaduais como o PFL do Maranhão ou o PRN do Rio Grande do Sul mas nada que inviabilize a proposta. Em contrapartida líderes de oposição já começam a discutir a possibilidade de constituir seu próprio bloco que, com algum sucesso, pode ser majoritário.

O líder do PRN já obteve o apoio da atual bancada do partido e, dentro de 15 dias, deverá reunir-se com os parlamentares eleitos nas últimas eleições. Nem Arnaldo, nem Fiúza cogitam, agora, a fusão dos dois partidos governistas e manteriam o status de líderes. Provavelmente Fiúza ocupará a liderança do bloco e o PRN, do Governo. Juntos, representariam 128 deputados em condições de disputar com o PMDB as relatorias das medidas provisórias e as presidências das comissões técnicas. Descartam a possibilidade de disputar a presidência da Casa. Não há data marcada para a formalização do bloco governista.

A constituição de um bloco parlamentar de apoio ao Governo está na agenda dos

líderes há algum tempo. Inicialmente a idéia era de disputar a presidência da Câmara e do Senado Federal e, como não são maioria, precisariam formalizar um bloco sob liderança comum. O objetivo agora é de, sendo majoritários, ocupar as relatorias das medidas provisórias que vem sendo prerrogativa do PMDB. "Alterar o poder" seria o que os governistas chamam de democratização do processo legislativo. O assunto voltou a ordem do dia na reunião de terça-feira quando o presidente Collor deu "sinal verde" aos líderes do PFL e PRN para a agilização da proposta.

Enquanto alguns parlamentares de esquerda como Amaury Muller (PDT/RS) não acreditam que a idéia vigore, o vice-líder de Brizola, Brandão Monteiro (RJ) prefere não confiar no discurso do Governo. "Só acredito que eles não vão disputar a presidência da Câmara no dia da eleição", disse Monteiro que já procurou o líder do PMDB, Ibsen Pinheiro e pretende falar com Ulysses Guimarães para discutir a formalização de um bloco de oposição. Ele acredita que a maior dificuldade que poderia encontrar seria com relação a adesão dos Trabalhadores (PT).

Nem tudo são flores, porém, no caminho do líder do PFL para a formalização do bloco governista. O filho do ex-presidente Sarney, deputado Sarney filho, presidente do PFL no Maranhão, não

admite que se entregue o PFL "de mãos beijadas" ao Governo. Ele disse que representa oito parlamentares que "foram massacrados" pelo Governo na campanha eleitoral e que, antes de pensar em apoiar Collor, é preciso que o presidente pense no Maranhão. "Senão não tem conversa", afirmou lembrando que todas as obras estão paradas inclusive a Ferrovia Norte-Sul", no seu estado. A resistência de Sarney Filho, porém, não assusta Arnaldo Faria de Sá do PRN que garante que o presidente Collor já conversou com o governador eleito, Edison Lobão, e ele afirmou ter condições de superar o problema com o já apelidado "bloco sarneysista".

O bloco de Collor conta em princípio com 128 parlamentares mas numa segunda fase poderá incorporar outros partidos. O deputado José Bonifácio (PDS/MG) disse que seu partido não foi sondado mais não descarta a possibilidade "num segundo momento". Já o deputado Cardoso Alves, (PTB/SP) acha que a iniciativa de formalização do bloco governista é um ato de "meia coragem". ele acredita que a vida partidária no Brasil está totalmente desorganizada e o que convém ao Governo seria e extinção dos atuais partidos e sua reorganização num prazo máximo de 60 dias, mediante a exigência de cada legenda conter, no mínimo, de 30 a 40 parlamentares.